

SAÚDE ■ Operações simples serão transferidas, para elevar investimento em transplante

ARQUIVO JB

Hospitais vão descentralizar as cirurgias

Rafaria Almeida

A rede pública de saúde do Distrito Federal deverá sofrer grandes mudanças para se adaptar ao novo sistema de transplante de órgãos. Cirurgias mais simples como varizes, hérnias e vesícula, atualmente feitas no Hospital de Base e no Hospital Regional da Asa Norte, serão transferidas para outras unidades como o Hospital Regional de Taguatinga.

O trabalho faz parte da iniciativa do novo governo de otimizar o sistema de transplante de órgãos no DF. O projeto está sendo elaborado pelo subsecretário de Atenção à Saúde, Milton Menezes, em conformidade com a comissão para captação de órgãos e tecidos, criada há 20 dias. Dela participam promotores, médicos e transplantados que objetivam o aumentar o número de doações no DF. A meta da secretaria é realizar 100 transplantes por ano em 2008.

Segundo o subsecretário, as alterações começarão já em abril, com a reabertura do centro cirúrgico do Hospital Regional de Taguatinga (HRT), fechado há dois anos para reformas. A unidade deverá ganhar mais leitos para aumentar a capacidade e acabar com as filas de pequenas cirurgias, que hoje somam cerca de 7 mil pacientes.

— Ampliando a rede, automaticamente estaremos aumentando a capacidade do HBDF e Hran para cirurgias maiores como as de rins e fígado, que exigem mais do hospital e fornem filas maiores do DF — disse Menezes.

Hoje, apenas o HBDF e o Hospital Universitário de Brasília fazem cirurgias complexas de rins. O Hran será o próximo credenciado para realizar o procedimento.

Menezes afirmou que nos próximos meses serão abertos

editais de credenciamento para a realização dessas pequenas cirurgias, para o programa Fila Zero. Atualmente, 4 mil pessoas estão na fila de cirurgia de varizes, 2.200 na de amigdalas e 1 mil na de joelho.

De acordo com o secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, na rede de saúde do DF existem pelo menos 800 pacientes na hemodiálise, aguardando um transplante. Já a Associação dos Renais de Brasília (Arebra) calcula que são 1,3 mil pessoas em tratamento. Atualmente, são realizadas somente 50 cirurgias de rins por ano, o que não atende a demanda.

Menezes disse que os custos para realização do projeto ainda não foram definidos, pois preci-

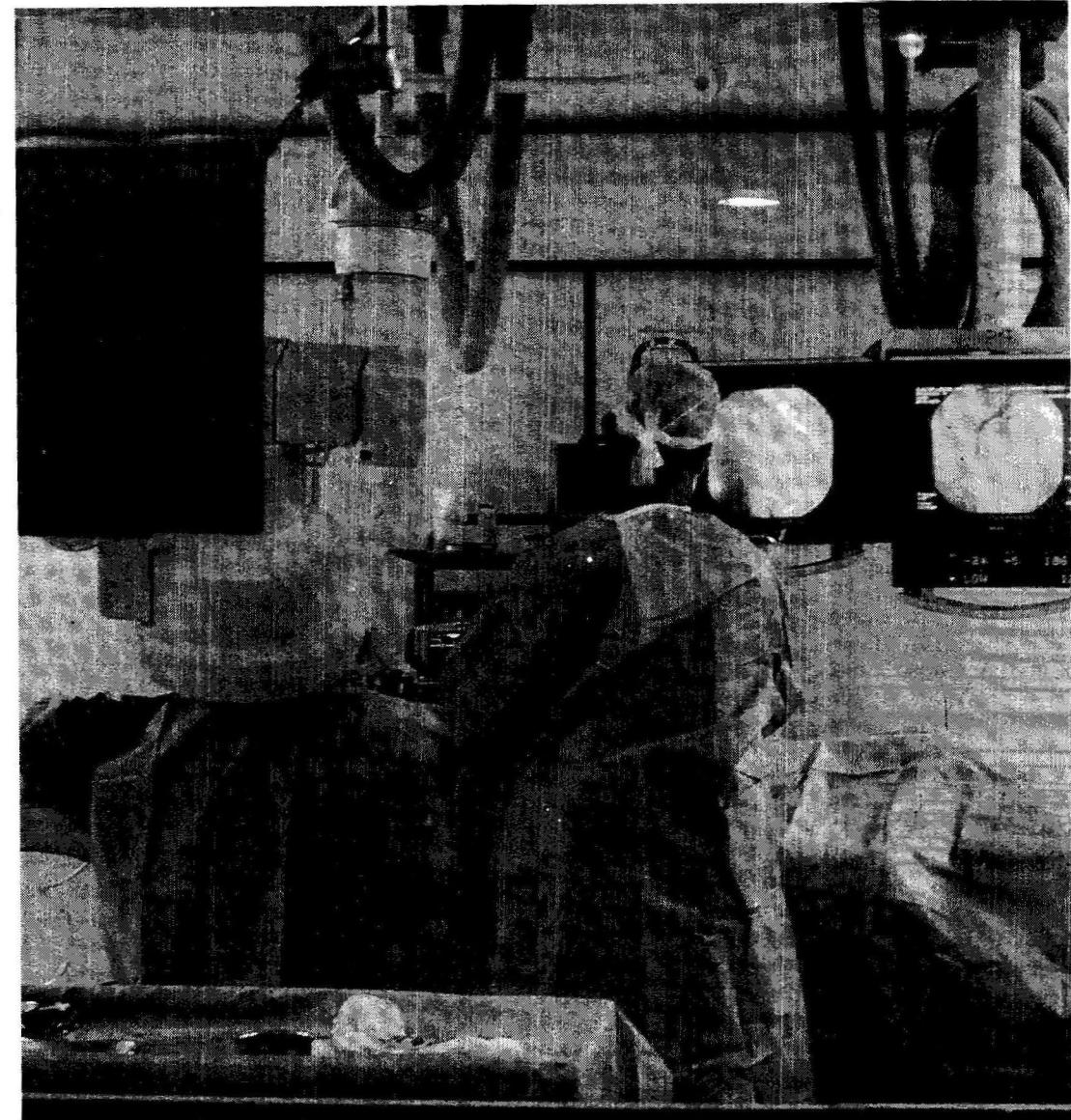
Meta da secretaria é chegar a 2008 em condições de fazer ao menos 100 transplantes por ano

sa do aval do governador José Roberto Arruda.

— O projeto foi encaminhado esta semana para o secretário de Saúde. Ele e o governador negociaram o que é viável. A prioridade é melhorar a rede pública de saúde. Em três meses, no máximo, as mudanças começarão — garantiu Menezes.

De acordo com ele, a autorização e o anúncio de recursos para o projeto sairão até o fim desta semana.

O subsecretário não descartou a hipótese de que o Instituto do Coração do DF se credencie para participar da melhoria na captação de órgão e realização de transplantes. Menezes elogiou a estrutura do instituto e acredita que ela será bem utilizada se integrada ao projeto.



Cirurgia no Incor: integração à rede hospitalar pública ajudará a atender a demanda reprimida

■ Incor deverá se integrar a sistema público

O Instituto do Coração (Incor/DF) poderá se integrar o sistema de saúde pública na realização das cirurgias. Mesmo com o risco de ter as portas fechadas por falta de recursos, ou de ser assumido pela Secretaria de Saúde, o hospital é o único credenciado no DF para realizar transplantes de coração. Pretende concorrer para as cirurgias de rins e fígado.

No ano passado o superintendente da Fundação Zerbini no DF, Milton Pacífico, declarou que a unidade precisaria receber mais pacientes para poder se sustentar. Mesmo com o contrato fechado com a Secretaria de Saúde, em fevereiro deste ano, ainda faltam pacientes. A fila para

transplantes de coração tem apenas uma pessoa, e a de fígado, caso o hospital consiga autorização para realizar a cirurgia, está com cinco doentes, desde dezembro do ano passado.

Cada transplante realizado no Incor, custará, em média, R\$ 30 mil para a Secretaria de Saúde, além do contrato firmado. O subsecretário Milton Menezes diz que a verba será repassada pelo governo federal, pois as cirurgias são pagas pelo sistema Único de Saúde (SUS), do Ministério da Saúde.

O diretor médico do Incor, Adriano Caixeta, acredita que, independentemente da crise, o instituto comece a fazer as cirurgias

de transplante em dois meses.

— O Incor tem toda a tecnologia necessária para realização dessas cirurgias. A unidade é a melhor no DF em termos de atendimento e assistência. Precisamos de pacientes e aumentar a captação e suprir os déficits da rede pública de saúde — disse Caixeta.

De acordo com o diretor, a meta do hospital é de fazer duas cirurgias de fígado, quatro de rins e uma de coração a cada mês.

Além dos transplantes, a unidade também está credenciada para captação de órgãos. Como só tem autorização para um tipo de transplantes, envia os órgãos retirados para outras unidades, na maioria das vezes, fora do DF.